



ECONOMIA

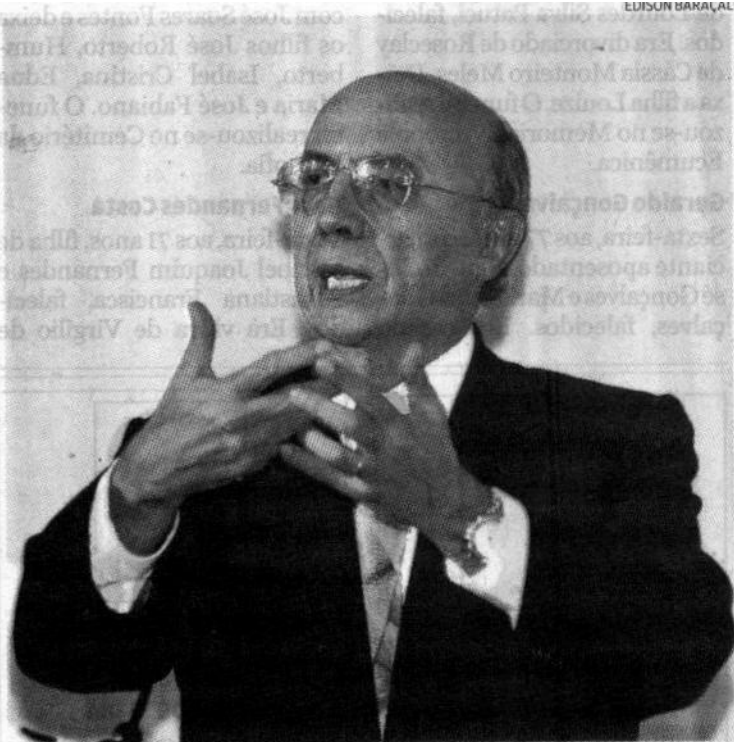
Meirelles vê Brasil estável

DA REDAÇÃO

"Antigamente, quando os Estados Unidos pegavam uma gripe, o Brasil tinha uma pneumonia; hoje, e é uma meta que estabelecemos, quando os Estados Unidos têm uma pneumonia, nós pegamos, no máximo, um resfriado". A analogia é do presidente do Banco Central (BC), Henrique Meirelles, que esteve ontem em Guarujá. Ele referia-se a possíveis reflexos da crise do mercado imobiliário norte-americano no País e o temor sobre o crescimento da inflação.

Meirelles afirmou enfaticamente que o Brasil está preparado para enfrentar turbulências na economia. "Temos estabilidade e uma situação de sustentabilidade sólida". O presidente do BC esteve na Cidade para participar do 25º Simpósio das Unimeds do Estado de São Paulo (Suesp), que prossegue até hoje no Hotel Sofitel Jequitimar.

"Nosso compromisso é esfriar um pouco a economia para que a situação de inflação não seja repassada para a população", admitiu Meirelles. De acordo com os números divulgados na última quinta-feira pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nos últimos 12 meses o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) acumula alta de 6,06% – a meta do Gover-



O presidente do Banco Central também descartou a volta da inflação

no é manter o patamar de 4,5%.

Segundo Meirelles, o combate à inflação é prioridade do Comitê de Política Monetária, pois "traz benefícios para a diminuição da pobreza e a redução das desigualdades sociais". Entre os possíveis "remédios" para enfrentar essa situação, Meirelles disse ser necessário reduzir o descompasso entre o ritmo de ampliação da oferta de bens e serviços e da deman-

da existente.

SAUDÁVEL

Falando para uma platéia de médicos, o chefe do BC utilizou comparações ligadas à profissão para explicar o momento do País. "Uma coisa é um paciente frágil enfrentar uma crise de saúde. Outra é um paciente saudável pegar uma doença e, tratado a tempo, a superar", disse, dizendo que o País encontra-se no segundo exemplo.



Câmara Municipal de Guarujá

ASSESSORIA DE IMPRENSA

A Tribuna
Domingo, 13 de julho de 2008.

DIGNIDADE. Investimento de R\$ 1 bilhão deve beneficiar cerca de 100 mil habitantes da Baixada Santista nos próximos anos

Moradias de interesse social a serem
construídas em Santos, São Vicente,
Cubatão e Guarujá atenderão 24 mil famílias

**“O ideal é manter o maior número de
moradias que, com pequenas reformas e
adaptações, possam ser consolidadas”**

JOSÉ MARQUES CARRIÇO Doutor em planejamento urbano

70 foi a década
em que ocorreu a maioria das invasões
de áreas de proteção ambiental para
construção de sub habitações e palafita

**Região vive expectativa de
boom na habitação popular**



DA REDAÇÃO

Na década de 70, o rápido crescimento do Pólo Industrial de Cubatão provocou uma migração em massa de populações de várias regiões brasileiras, especialmente do Nordeste. O crescimento desordenado da economia da Baixada Santista fez com que surgissem dezenas de bolsões de miséria na região, erguidos, em sua grande maioria, em áreas de preservação ambiental — encostas da Serra do Mar e manguezais.

Quase quatro décadas depois, já no século 21, a região se depara com o que pode ser chamado de *boom* habitacional de moradias de interesse social. Somente em Santos, São Vicente, Cubatão e Guarujá, cerca de 24 mil famílias serão retiradas das áreas de pobreza ou terão suas moradias consolidadas. Um investimento de mais de R\$ 1 bilhão, proveniente dos municípios, Estado, União e do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

Porém, especialistas alertam que a retirada dessas famílias dos bolsões de miséria não deve ser tratada apenas como uma medida estrutural de mera transferência de pessoas, tomada unilateralmente pelo poder público. Pontos importantes como a qualidade dos projetos arquitetônicos, condições de socialização e adaptação dos moradores, geração de renda e equipamentos públicos devem ter atenção especial no processo.

“Não existe um modelo ideal para conjuntos habitacionais. Mas o mais próximo do ideal seria um conjunto que partisse de uma discussão coletiva com as pessoas que irão ser contempladas pelo projeto. Tem de haver uma consulta realmente efetiva a partir de diálogos. Para isso, o conjunto habitacional deve ser pensado como um projeto de mobilização social”, explica Antonio Mateus de Carvalho Soares, sociólogo, urbanista e mestre em Arquitetura pela Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo (EESC/USP).

A idéia de remoção total dos

Números

3.912

unidades habitacionais devem ser construídas em Santos nos próximos anos

R\$ 137

milhões

estão sendo investidos nos projetos habitacionais que serão realizados em Santos

50 mil

pessoas

serão retiradas de favelas em Cubatão nos próximos anos

moradores de favelas, como era pensado há anos, já está ultrapassada, afirma José Marques Carriço, doutor em planejamento urbano e regional pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (FAU/USP): “O ideal é verificar qual o maior número possível de moradias que, com pequenas reformas e adaptações, possam ser consolidadas. E identificar áreas livres próximas para que esses moradores não percam o vínculo com o local onde viviam”.

DEU ERRADO

A atenção especial para os pontos citados pelos especialistas evitariam fenômenos como o que ocorreu no conjunto Ilhéu Alto. Com 504 apartamentos, o núcleo habitacional foi construído para abrigar parte da população que vivia na Vila dos Criadores (vizinha ao extinto Lixão da Alemoa) e do Movimento Pró-Moradia Castelo III.

Porém, o conjunto foi entregue à população sem iluminação pública, pavimentação de ruas e áreas comerciais. Também não houve programas de geração de renda.



Saiba mais

Projetos

De acordo com a Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado (CDHU), no momento estão em produção 2.927 unidades habitacionais

na Baixada Santista. Ainda estão programadas a construção de mais 14.567 unidades. O investimento total nessas obras é de R\$ 807 milhões.

Frase

“Quase todo mundo da Vila dos Criadores foi embora”

Antonio Marcelino Duarte,
morador do Ilhéu Alto



Câmara Municipal de Guarujá

ASSESSORIA DE IMPRENSA

A Tribuna
Domingo, 13 de julho de 2008.

“Muita gente que veio para cá (Ilhéu Alto) vivia do que ganhava no lixão, ou de comércio. Eu mesmo tinha um bar e tive que fechar”, conta Antonio Marcelino Duarte, morador do Ilhéu Alto. Atualmente, dez anos depois de sua ocupação, somente cerca de 50% dos imóveis abrigam seus moradores originais: “Muita gente vendeu os apartamentos e voltou para lá”.



Identidade com moradia garante permanência

■■■ A identidade dos moradores com o local de moradia, a mudança radical de ambiente e a relação do ser humano com o meio de convivência influenciam muito na permanência dos habitantes de conjuntos habitacionais de interesse social.

Segundo especialistas, a falta de identificação com a nova moradia faz com que essas pessoas optem por continuar vivendo em condições insalubres, mesmo tendo um novo apartamento.

“Por que vendem as casas, se elas são melhores que as outras?”, questiona o sociólogo e urbanista Antonio Mateus. Ele mesmo responde: “Porque o

mutuário não consegue ter uma relação de identidade com a residência”.

O sociólogo explica que falta aos projetos habitacionais desenvolvidos pelo Estado a capacidade de enxergar o sentimento de pertencer dos moradores: “É você receber a casa, olhar para ela e ter um sentimento de propriedade”.

Mateus garante que há uma relação sociológica e psicológica entre o morador e sua residência: “A casa é o lugar da proteção, é o lugar da angústia, é o lugar da intimidade. Essa relação é muito forte, mesmo em situação de precariedade — no lixão ou em cima da palafita”.